



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em
história 4

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 4 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-906-6

DOI 10.22533/at.ed.066211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico- Metodológicos na Pesquisa em História 2* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disto, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disto, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!
Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
#EXPOSED: COMO A DISCUSSÃO DE GÊNERO EM SALA DE AULA PODE AJUDAR A COMBATER O ASSÉDIO SEXUAL NAS ESCOLAS	
Ortiz Coelho da Silva	
Janaína Guimarães da Fonseca e Silva	
Francisca Mariana Melo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0662119031	
CAPÍTULO 2	17
A COMISSÃO ESTADUAL DA LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA (LBA) E A ASSISTÊNCIA À SAÚDE INFANTIL NO PIAUÍ (1942-1945)	
Francilene Teles da Silva Sousa	
Joseanne Zingleara Soares Marinho	
DOI 10.22533/at.ed.0662119032	
CAPÍTULO 3	31
EDUCAÇÃO INFANTIL E FEMINISMO: UM ESTUDO DE CASO	
Paola Camila Branco Lucena	
DOI 10.22533/at.ed.0662119033	
CAPÍTULO 4	37
AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM RETRATOS FOTOGRÁFICOS DO ESTÚDIO REUTLINGER NOS TEMPOS DA BELLE ÉPOQUE (1900-1915)	
Marco Antonio Stancik	
Ana Regina Praxedes Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.0662119034	
CAPÍTULO 5	45
A MULHER NA SOCIEDADE COLONIAL BRASILEIRA: UM ENFOQUE EM MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII	
Alex Augusto de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0662119035	
CAPÍTULO 6	54
A SEXUALIDADE INDÍGENA NAS PERGUNTAS DE UM CONFESSIONÁRIO TUPI NO PARÁ DO SÉCULO XVIII	
Jaqueline Ferreira da Mota	
DOI 10.22533/at.ed.0662119036	
CAPÍTULO 7	79
MULHERES SEM TERRA INSUBMISSAS: REFLEXÕES SOBRE OS FEMINISMOS CONTRA HEGEMÔNICOS EM CONTEXTOS RURAIS EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL	
Flávia Pereira Machado	
DOI 10.22533/at.ed.0662119037	

CAPÍTULO 8.....	94
TERRA OU MORTE: AS DENÚNCIAS DAS FEDERAÇÕES CAMPONESAS E YANACONAS CONTRA AS FAZENDAS E O GOVERNO PERUANO, EXPOSTAS NO JORNAL UNIDAD (1960-1963)	
Marcos Marcial Matos Malpartida	
DOI 10.22533/at.ed.0662119038	
CAPÍTULO 9.....	107
A CABEÇA BRANCA DA HIDRA E SEUS PÂNTANOS: SUBSÍDIOS PARA UMA GEOGRAFIA DA HISTÓRIA DA AMAZÔNIA MARANHENSE, E PARA NOVAS PESQUISAS SOBRE COMUNIDADES INDÍGENAS, QUILOMBOLAS, E CAMPONESAS	
István van Deursen Varga	
Raimundo Luís Silva Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.0662119039	
CAPÍTULO 10.....	120
A DIOCESE DE ITAGUAÍ, A LUTA PELA TERRA E AS COMUNIDADES TRADICIONAIS NO LITORAL SUL FLUMINENSE ENTRE 1970 E 1990	
Maria do Carmo Gregório	
DOI 10.22533/at.ed.06621190310	
CAPÍTULO 11.....	132
ENTRE A RELIGIOSIDADE E A INSURGÊNCIA: AS SANTIDADES INDÍGENAS NO BRASIL COLONIAL	
Juliana Mary Lourenço	
DOI 10.22533/at.ed.06621190311	
CAPÍTULO 12.....	144
MUDANÇAS NO CENÁRIO RELIGIOSO BRASILEIRO: A ASCENSÃO DO PENTECOSTALISMO, A REVERBERAÇÃO DA CRISE DO CATOLICISMO E A BUSCA MISSIONÁRIA CATÓLICA POR NOVOS FIÉIS (1950-2000)	
Derllânio Telecio da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.06621190312	
CAPÍTULO 13.....	154
A ARTE DE CURAR (PRÁTICAS DE CURA) E SUA “CRIMINALIZAÇÃO” EM IRATI E MALLETT- PR - PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Henrique Alexandro Senderski	
DOI 10.22533/at.ed.06621190313	
CAPÍTULO 14.....	163
“O QUE EU ME LEMBRO, EM PRIMEIRO LUGAR, EU NÃO SEI O PORQUÊ... OS AFOXÉS!”	
Alberto Bomfim da Silva	
Edson Farias	
DOI 10.22533/at.ed.06621190314	

CAPÍTULO 15	177
PROJETO DE EDIÇÃO DE LIVRO: MORRO DO PARAMIRIM, A VILA DE BREJEIROS E BARRANQUEIROS	
<i>Maria de Fátima Magalhães Mariani</i>	
<i>Leandro Magalhães Mariani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190315	
CAPÍTULO 16	189
MEMÓRIAS DA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO (1808-1840)	
<i>Helber Renato Feydit de Medeiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190316	
CAPÍTULO 17	204
NAS TRILHAS DA MEMÓRIA: LEMBRANÇAS ATUAIS DO REPERTÓRIO REPENTISTA DE ZÉ DA PRATA	
<i>Josi de Sousa Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190317	
CAPÍTULO 18	219
VISÕES DE UMA PEREGRINA: OS CAMINHOS ENTRE SAGRADO E PROFANO NA PEREGRINAÇÃO À CIDADE DE DIVINA PASTORA	
<i>Alice Batista Guimarães</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190318	
CAPÍTULO 19	231
ENTRE A LEI E A TRIBUNA: O INÍCIO DA VIDA PÚBLICA DE JOAQUIM NUNES MACHADO (1834-1837)	
<i>Manoel Nunes Cavalcanti Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190319	
CAPÍTULO 20	243
LUIZ AUGUSTO MAY NA CAPITANIA DO GRÃO PARÁ E RIO NEGRO: ESTRATÉGIAS PARA A DEFESA DO DA REGIÃO (1813)	
<i>Myriam Paula Barbosa Pires</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190320	
CAPÍTULO 21	255
KARL POPPER E A CIÊNCIA HISTÓRICA	
<i>Rafael Cavalheri Peres</i>	
<i>Diego Rodstein Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190321	
CAPÍTULO 22	263
VELHOS DILEMAS, NOVOS PARADIGMAS: OS IMPACTOS DA DIGITALIZAÇÃO DE DOCUMENTOS EM PESQUISAS SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA	
<i>Juliano Cabral Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190322	

CAPÍTULO 23.....	275
O JORNAL <i>A LUTA</i> E O ANIVERSÁRIO DO GOLPE DE 1964	
Caio Vinícius Silva Teixeira	
Claudia Cristina da Silva Fontineles	
DOI 10.22533/at.ed.06621190323	
CAPÍTULO 24.....	288
ESQUERDA POSITIVA OU ESQUERDA NEGATIVA? LEONEL BRIZOLA E SAN TIAGO DANTAS DURANTE O GOVERNO JOÃO GOULART (1961-1964)	
Marcelo Marcon	
DOI 10.22533/at.ed.06621190324	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	298
ÍNDICE REMISSIVO.....	299

CAPÍTULO 1

#EXPOSED: COMO A DISCUSSÃO DE GÊNERO EM SALA DE AULA PODE AJUDAR A COMBATER O ASSÉDIO SEXUAL NAS ESCOLAS

Data de aceite: 01/03/2021

Data da submissão: 07/12/2020

Ortiz Coelho da Silva

Mestrando em Educação, Universidade de Pernambuco (UPE)
Professor Auxiliar da Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
Picos – Piauí
<http://lattes.cnpq.br/8215610248189311>
<https://orcid.org/0000-0003-3641-0581>

Janaína Guimarães da Fonseca e Silva

Doutora em História Universidade Federal de Pernambuco Universidade de Pernambuco (UPE)
Recife – Pernambuco
<http://lattes.cnpq.br/0745546503484382>
<https://orcid.org/0000-0003-1518-5784>

Francisca Mariana Melo Silva

Mestre em Saúde Pública pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)
Picos – Piauí
<http://lattes.cnpq.br/1367785643862817>

RESUMO: O movimento *#exposed* se originou no *Twitter* e *Facebook* associado às denúncias de jovens vítimas de atos reiterados de Abuso Sexual. Destacando-se as acusações contra professores dentro e fora de sala de aula (função hierárquica docente). O movimento associava a # ao nome da cidade, avultando-se os: *#esposedsaopaulo*, *#esposedjoinville*, *#esposedlondrina*, *#esposedcuritiba*,

#esposedportoseguro, *#esposedaracaju*, *#esposedfortaleza*, *#esposedsobral*, *#esposedteresina* *#esposedpicos*. Em todas, foram majoritárias as mensagens de alunes que se disseram perseguides, assediadas, tocades e, inclusive, estuprades por docentes que, rotineiramente, tocavam em seus corpos, faziam investidas, condicionavam notas, “*stalkeavam*”(do termo *Stalkear*, na acepção de perseguir/vigiar em redes sociais). Chama a atenção o fato de os relatos serem atemporais e com *modus operandi* símio. Ante tal quadro, tendo em vista que o ponto central das denúncias residia nos professores e escolas, bem como se tratar de clara discussão das relações de poder que envolvem o Gênero numa sociedade heteronormativa, o problema de pesquisa consiste em saber: de que maneira a discussão do Gênero em sala de aula pode funcionar como elemento de prevenção do assédio sexual no ambiente escolar? O objetivo geral almeja discutir o papel preventivo ao assédio sexual exercido pela inclusão da pauta do Gênero à formação dos estudantes. Metodologicamente, optou-se pela linguagem não sexista, empregando-se o método hipotético-dedutivo, com elementos do estudo de caso, pela análise do Discurso do Sujeito Coletivo de Laurence Bardin (2004), com estudo bibliográfico-documental e de natureza qualitativa. Em termos teóricos, adotou-se a perspectiva teórica de Judith Butler (1990). Em sede de resultados, delineou-se sobre a importância da internalização das discussões de Gênero na escola, enquanto mecanismo importante à prevenção/inibição de violências advindas das relações de poder que,

secularmente, decorrem das relações de Gênero.

PALAVRAS-CHAVE: #Exposed, Gênero, Assédio Sexual, Escola, Prevenção.

#EXPOSED: HOW GENDER DISCUSSION IN THE CLASSROOM CAN HELP COMBAT SEXUAL HARASSMENT IN SCHOOLS

ABSTRACT: The #exposed movement originated on Twitter and Facebook associated with the denunciations of young victims of repeated sexual abuse. Highlighting the accusations against teachers inside and outside the classroom (hierarchical teaching function). The movement associated the # to the name of the city, adding: #esposedsaopaulo, #esposedjoinville, #esposedlondrina, #esposedcuritiba, #esposedportoseguro, #esposedaracaju, #esposedfortaleza, #esposedsobral #esposedteresina #esposedpicos. In all of them, the messages from students who said they were persecuted, harassed, touched and even raped by teachers who routinely touched their bodies, invested, conditioned notes, “stalked” (from the term Stalkear, in the sense of chase / watch on social networks). It is noteworthy that the reports are timeless and with simian modus operandi. In view of this situation, considering that the central point of the complaints was in teachers and schools, as well as dealing with a clear discussion of the power relations that involve Gender in a heteronormative society, the research problem consists in knowing: how discussion of gender in the classroom can function as an element of prevention of sexual harassment in the school environment? The general objective aims to discuss the preventive role of sexual harassment exercised by the inclusion of the Gender agenda in the training of students. Methodologically, we opted for the non-sexist language, using the hypothetical-deductive method, with elements of the case study, through the analysis of the Collective Subject Discourse by Laurence Bardin (2004), with a bibliographic-documental and qualitative study. In theoretical terms, the theoretical perspective of Judith Butler (1990) was adopted. In terms of results, it outlined the importance of internalizing Gender discussions at school, as an important mechanism for the prevention / inhibition of violence arising from power relations that, secularly, stem from Gender relations.

KEYWORDS: #Exposed, Gender, Sexual harassment, School, Prevention.

1 | INTRODUÇÃO

O Movimento #exposed usa a *hashtag* para indicar “aquilo que está exposto, algo que permanecia oculto” e surgiu nas redes sociais dos Estados Unidos em que es usuáries revelavam assuntos convenientemente omitidos.

No Brasil, o #exposed ganhou força no *Twitter* e *Facebook* associado às denúncias de jovens que se revelaram vítimas de atos reiterados de Abuso Sexual. Destacando-se a grande quantidade de acusações envolvendo professores dentro e fora de sala de aula (função hierárquica docente).

O movimento associava a # com o nome da cidade, avultando-se os: #esposedsaopaulo, #esposedjoinville, #esposedlondrina, #esposedcuritiba, #esposedportoseguro, #esposedaracaju, #esposedfortaleza, #esposedsobral #esposedteresina #esposedpicos.

Em todas, foram majoritárias as mensagens de alunes que se disseram perseguides, assediadas, tocades e, inclusive, estuprades por docentes que, rotineiramente, tocavam em seus corpos, faziam investidas, condicionavam notas, “*stalkeavam*” (do termo *Stalkear*, na acepção de perseguir/vigiar em redes sociais). Chama a atenção o fato de os relatos serem atemporais e com *modus operandi* símio.

Ante tal quadro, tendo em vista que o ponto central das denúncias residia nos professores e escolas, bem como se tratar de clara discussão das relações de poder que envolvem o Gênero numa sociedade heteronormativa, o problema de pesquisa consiste em saber: de que maneira a discussão do Gênero em sala de aula pode funcionar como elemento de prevenção do assédio sexual no ambiente escolar?

Na busca por responder a tal questão, o objetivo geral consiste em discutir criticamente o papel preventivo ao assédio sexual exercido pela inclusão da pauta do Gênero à formação dos estudantes.

Metodologicamente, empregou-se o método hipotético-dedutivo, com elementos do estudo de caso, pela análise do Discurso do Sujeito Coletivo de Laurence Bardin (2004), sendo o estudo bibliográfico-documental e de natureza qualitativa. Em termos de linguagem, optou-se pelo emprego da linguagem não sexista.

Em termos de Justificativa, o interesse pela presente temática deve-se ao fato de ser pesquisador dos estudos de Gênero e Educação no curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI) da Universidade de Pernambuco (UPE), campus Petrolina, onde pude amadurecer os estudos e as reflexões sobre a urgente necessidade de se introduzir as discussões de Gênero no âmbito da sala de aula, bem como pelo fato de que o movimento do *#exposed* revelou um problema intrínseco, antigo e “acobertado” na educação brasileira: o assédio como modalidade extrema da violência de gênero perpetrado por docentes contra discentes.

A fim de melhor expor a presente pesquisa, o trabalho encontra-se dividido em duas (02) seções logicamente encadeadas. Na primeira, situou-se historicamente as concepções de Gênero Sexo e Sexualidade, adotando-se a perspectiva teórica de Judith Butler (1990). Em seguida, levantaram-se os dados do *#exposed* ligados ao abuso sexual de docentes contra discentes na escola, através de análise dos *posts* da rede social *Twitter*, de matérias jornalísticas e documentos oficiais, a fim de traçar o perfil genérico das agressões e dos efeitos nocivos às vítimas.

Ao final foram apresentadas as considerações últimas, delineando-se sobre a importância da internalização das discussões de Gênero na escola, enquanto mecanismo importante à prevenção/inibição de violências advindas das relações de poder, bem como são apresentados prognósticos sobre os rumos que a temática tende a assumir no cenário brasileiro.

21 CONCEITOS DE GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE

De acordo com os trabalhos de Joan Scott (1995), ao tratar o gênero como uma categoria útil para a análise histórica, a autora refuta a ideia de que o mesmo seja a manifestação automática (modelo chave-fechadura) do sexo ou da sexualidade, repudia também as definições gramaticais (estáticas) do que seria masculino ou feminino, uma vez que entende o gênero como uma construção inteiramente social, sendo o sexo apenas um “dado” de cunho biológica, ligado apenas à genitália do corpo, ao passo que a ideia de gênero rejeita explicitamente as justificativas biológicas, estando ligado aquilo que é culturalmente construído.

Nessa perspectiva, fica eleito que o sexo estaria ligado ao corpo, adstrito à biologia (macho/fêmea), ao passo que o gênero seria a construção social que se faz do masculino e do feminino que, pode ou não, ser coincidente com o sexo do corpo, visto que não é o gênero um fato posto, mas algo culturalmente construído, sob os prismas social e o individual.

Importante destacar que, dentro da Escola Psicanalista, surgiram correntes de pensamento que procuraram avidamente explicar o processo de formação de identidade dos sujeitos, tendo por foco analisar os anos iniciais de vida da infância, na tentativa de, descobrir ali, através da psicanálise, indicações sobre a formação da identidade de gênero. Tendo concluído, de um lado, a Escola das relações com o objeto (Chodorow, 1978) que a identidade é formada através da experiência concreta de cada criança, visto que “ela vê, ouve, tem relações com as pessoas que cuidam dela e com seus pais” (Scott, 1995, p. 14).

Por sua vez, de outro lado, a Escola Pós Estruturalista (Lacan, 1985) entendeu ser a linguagem envolvendo meninos e meninas o determinante para a constituição da identidade de gênero, uma vez que as pessoas são instruídas, por linguagem corporal inclusive, a se adequar ao padrão “coisas de menino” e “coisas de menina”, sendo essa incitação desde o início da vida, antes mesmo dela, *ab ovo*, que determina o gênero de cada indivíduo.

Apesar do mérito de tais teorias, Scott (1995) critica ambas as visões, justamente por entender que a forma que foram elaboradas e as conclusões a que chegaram são extremamente literais e fazem depender toda a responsabilidade da formação da identidade de gênero a partir de estruturas de inter-relação relativamente pequenas, condicionam ao “meio em que se vive” (determinismo científico). Logo, os elementos defendidos por essas teorias não são suficientes para explicar em sua amplitude o conceito e o alcance do gênero que se pretende elevar como categoria de análise histórica

(...) tanto a divisão do trabalho na família quanto as tarefas atribuídas a cada um dos pais têm um papel crucial na teoria de Chodorow. O produto do sistema dominante ocidental é uma divisão nítida entre masculino e feminino: “o sentido feminino do Eu é fundamentalmente ligado ao mundo, o sentido masculino do Eu é fundamentalmente separado do mundo” (24). Segundo

Chodorow, se os pais fossem mais envolvidos nos deveres parentais e mais presentes nas situações domésticas os resultados do drama edipiano seriam provavelmente diferentes (25). Essa interpretação limita o conceito de gênero à esfera da família e à experiência doméstica, e para o(a) historiador(a) ela não deixa meios de ligar esse conceito (nem o indivíduo) com outros sistemas sociais, econômicos, políticos ou de poder (SCOTT, 1995, p. 15-16).

Scott (1995) deixa claro que a ideia simples e pura da linguagem como formador da identidade de gênero se mostra ineficiente, ao passo que não há, de fato, identidade total entre a linguagem empreendida e a identidade construída.

Em síntese, surge o questionamento: Se tudo é determinado pelo meio em que se vive e/ou pela linguagem apresentada de papéis sociais, onde a assunção da figura do masculino implicaria na negativa radical do que seria feminino e vice-versa, como explicar a existência de homossexuais, bissexuais, transexuais e travestis em meio a uma cultura heterossexual? Filhos de uma família heterossexual? Pois bem, o fato é que a identidade de gênero não se forma nem se limita apenas às características apontadas pelos psicanalistas, conforme aponta Scott (1995), para quem as raízes são muito mais complexas e profundas.

Por sua vez, com um pensamento mais crítico, escreve a filósofa americana Judith Butler (2000), para quem a distinção binária entre sexo e gênero, bem como masculino e feminino, devem ser questionadas sob o prisma das raízes epistemológicas. Pois, entende ser infrutífero definir os conceitos de sexo e de gênero como meros dados, posto que isso implicaria em ver tais institutos de forma fixa, numa realidade de erro, uma vez que, para ela, o sexo aparece como algo que também é culturalmente construído. Portanto, o gênero não pode ser pensado como uma simples inscrição cultural sobre o sexo, mas sim deve ser visto como um meio de produção cultural, por meio do qual os corpos biológicos (sexuados, por definição) são produzidos e estabelecidos como “pré-discursivos” (ideia essa que a autora refuta). Isto é, já se assume uma identidade de gênero, antes mesmo que se possa entender a própria ideia de sexo.

Butler (2000) apresenta uma noção diferenciada de gênero, ao entendê-lo como uma “estilização repetida” do próprio corpo, que se traduz através de um conjunto de atos reiterados praticados pelos sujeitos, isto é, a autora indica que o gênero é performático e voluntário, ou seja, cada sujeito se comporta e exterioriza comportamentos que revelam características ligadas ao masculino ou ao feminino. Constatação que pode ser demonstrado, por exemplo, no modo de andar, na maneira de falar, gesticular, nos gostos musicais, opções profissionais, de posse que cada indivíduo atuaria conforme o gênero no qual ela/ele se julga estar inclusa/inclusa.

De acordo com essa visão, o gênero seria expresso através de atos e gestos que produziriam uma espécie de “substância” associada ao masculino ou ao feminino, logo a essência estaria na “performatividade, que não é um ato singular, pois ela é sempre uma *reiteração da norma ou conjunto de normas*” (BUTLER, 2000, p. 12, grifo nosso). Assim, é a performance, como cada um se performa no dia-a-dia, que indica o gênero, o qual passa

a ser visto como uma construção manufaturada (não pré-definida) e sustentada por signos corporais indicativos.

Butler (2000) alerta que tal construção social do gênero tende a servir aos interesses reprodutivos da heterossexualidade, uma vez que a moral social pré-concebe o que pode ser definido como “coisas de menino” e “coisas de menina”, isto é, qual a performance que caberia a cada um, e que seria visto, por assim dizer, como “natural” e “normal”. A assunção do gênero acaba sendo forçada pela determinação do sexo, num verdadeiro constrangimento daquele para se adequar a esse, sendo que o resultado é a formação de estruturas performáticas falsas, voltadas a externar uma concepção de gênero artificial, forçada e dissidente do gênero interno, o que leva à formação de jovens e adultos com sexualidade reprimida, desejos contidos no inconsciente e com instável identificação de gênero.

Desse modo, resta claro que a anatomia não é determinante para os nossos comportamentos, na verdade, é pela repetição, pela performatividade que naturalizamos (construímos) uma identidade de gênero. Podemos perceber que o gênero não deriva do sexo e o desejo e a sexualidade do indivíduo não necessariamente seguem o gênero, posto que são elementos diferentes de análise, havendo, inclusive, indivíduos que anatomicamente são pertencentes ao binarismo macho/fêmea, mas se performance, apresentam-se e se colocam, com atos ligados ao gênero diverso dessa ótica, logo, não se enquadram na norma heterossexual, posto que evidenciam a distância entre o corpo sexuado e o gênero performado.

Segundo estudos de Butler (2000), tais indivíduos são considerados os chamados sujeitos “abjetos”, que podem ser, em apertada síntese, identificados como todos aqueles corpos que não condizem com a proposta da heteronormatividade e que, nessa condição, passam a ser alvo de preconceito, exclusão, violência e toda sorte de mal trato e desrespeito à dignidade humana.

De posse de tal discussão teórica, em termos conceituais e didáticos, parte-se da percepção de que a identidade de gênero, numa apertada síntese, pode ser entendida como a maneira de a pessoa se vê no mundo no que tange às suas características masculinas e/ou femininas, em outras palavras, como cada sujeito se percebe e se identifica enquanto ser. Contudo, como já é sabido, tal identificação não é, por muitas vezes, fácil, óbvia ou automática, pois, diferentemente do que procuram pregar os grupos conservadores, a identidade de gênero não está umbilicalmente ligada ao sexo biológico do corpo, mas há uma complexidade de fatores que envolvem essa identificação, que, embora possa ter relação com a biologia, dela independe.

Desde antes mesmo do nascimento, os sujeitos já são condicionados pela sociedade a assumirem uma identidade de gênero, que passa a ser formada, por incrível que pareça, ainda antes mesmo da formação do sexo, antes mesmo de o indivíduo ser formalmente pessoa, antes de ser “gente” já se deve ter um gênero que lhe é imposto. A

partir do momento que se verifica o sexo da ou do bebê, os pais montam toda uma estrutura preparatória para que a/o futura/futuro membra/membro da família assuma seu papel de menina/menino no meio social.

Tal fenômeno pode ser exemplificado através da escolha dos enxovais azul ou rosa (gostaria de entender em que momento da história, dentro do arco-íris em toda a sua elegância, foi dito de forma “natural” que o azul era masculino e a rosa era feminino, quando as cores assumiram gênero? Onde é o lugar de cada uma? Bem, isso jamais foi natural, não poderia sê-lo, trata-se de pura e simples cultura, isto é, construção humana), de brinquedos de menino ou de menina, jamais dos dois ao mesmo tempo, de papéis de parede de Super-Homem para eles e de Mulher-Maravilha para elas, jogar bola para uns, brincar de comidinha para outros, e por aí vai.

3 | MOVIMENTO #EXPOSED E AS DENÚNCIAS DE ASSÉDIO DOCENTE NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

O movimento #exposed é usado nas redes sociais do mundo inteiro – sendo sua origem os Estados Unidos – para denunciar os mais diversos abusos cometidos por autoridades públicas ou privadas em relação aos mais variados temas, como: corrupção, traição, racismo, crimes, abusos, desvio de poder e assédio.

Especificamente no Brasil, mais precisamente no ano de 2020, por volta do mês de junho, em plena Pandemia do COVID19 e com todos os impactos socioculturais, emocionais e psicológicos da quarentena imposta pelos governos dos estados e municípios sob orientação da Organização Mundial de Saúde (OMS), o movimento se destacou como instrumento de “quebra do silêncio”, por assim dizer, de casos reiterados, continuados, omitidos e impunes de assédio sexual perpetrados por docentes contra discentes no contexto da sala de aula.

O fato é que, por meio das redes sociais, especialmente o Twitter e o Facebook, milhares de jovens brasileiros, de ambos os sexos – conseqüentemente, com variadas identificações de gênero, performances de gênero e de sexualidade – expuseram literalmente um conjunto de práticas de assédio sexual que teriam sido cometidas por docentes ao longo dos anos contra os alunos, sejam do sexo masculino, feminino, ou não binário.

Tais denúncias não se constituíram como falas isoladas, mas, ao extremo revés, ecoaram em outros relatos de outras vítimas que afirmaram – em muitos casos comprovaram, por meio de “prints de redes sociais” – terem sofrido o mesmo tipo de abuso sexual, ora pelos mesmos docentes, ora por outros, contudo, notando-se sempre uma similaridade muito grande entre as narrativas que acompanhavam a referida *hashtag*.

A sistemática do movimento era bem simples, porém efetiva. Cada usuárie usava a expressão “#exposed/” seguida do nome da cidade e, logo depois, era feita a denúncia da

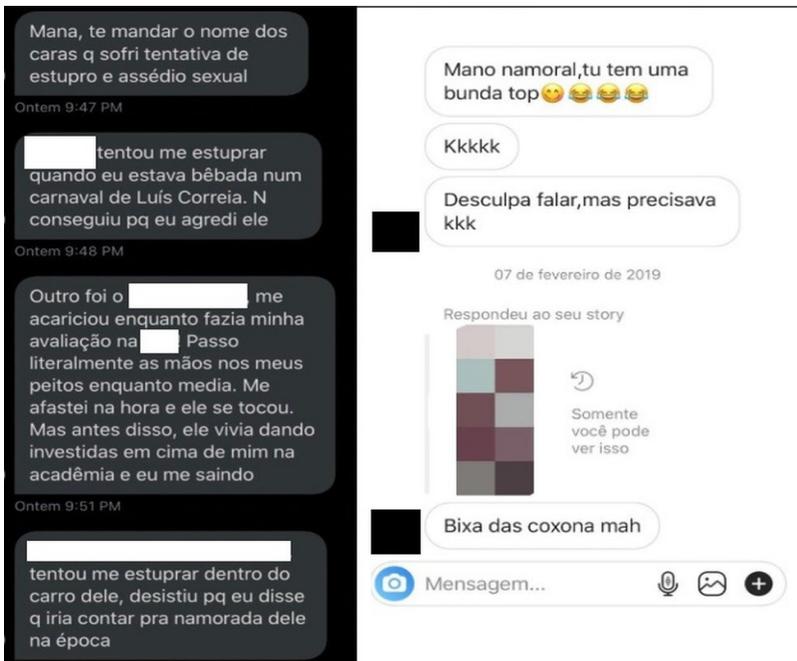
situação de constrangimento sofrida pelos estudantes, desde insinuações sexuais, piadas de duplo sentido, até o toque não autorizado em seus corpos, as mensagens indecentes em aplicativos de mensagens e, por mais absurdo que possa parecer, as tentativas de estupro, com muitos casos de estupro consumado.

Nesse seara, ganharam destaque as *hashtags* #esposedsaopaulo, #esposedjoinville, #esposedlondrina, #esposedcuritiba, #esposedportoseguro, #esposedaracaju, #esposedfortaleza, #esposedsobral #esposedteresina #esposedpicos, dentre outras, cujos casos de assédio sexual chamaram tanto a atenção da sociedade quando do Ministério Público dos Estados(a exemplo, do MPPI, MPCE, MPPE, MPSC) que foram objeto de reportagem especial do Programa Fantástico da Rede Globo de Televisão no dia 12/07/2020, *in verbis*:

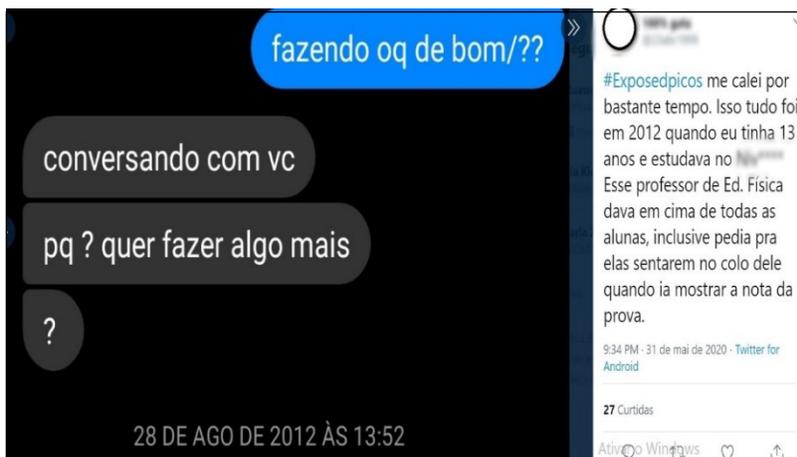


Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/07/12/jovens-usam-redes-sociais-para-denunciar-abusos-de-professores-dentro-da-sala-de-aula.ghtml>. Acesso em 01/10/2020

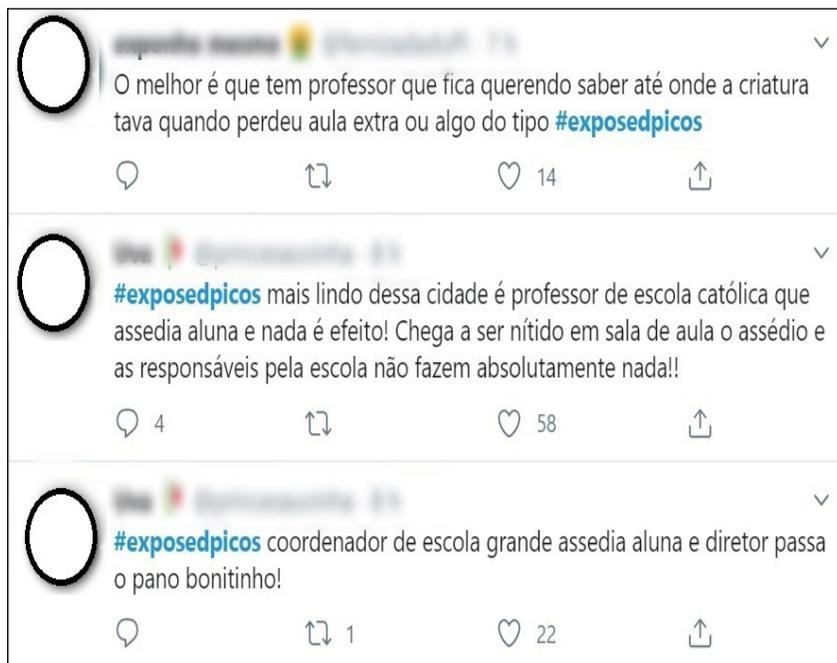
As mensagens postadas revelavam uma postura totalmente agressiva dos docentes envolvidos, os quais demonstram total desapego pela dignidade sexual alheia, bem como revelam claramente total despreço pelas questões de Gênero na Escola, muito embora abusem excessivamente da violência de Gênero como subterfúgio para firma sua posição de “dominância”, “poder” e “superioridade” sobre os alunos sujeitos a essas práticas.



Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/10/06/exposed-mp-apura-denuncias-de-estupro-em-redes-sociais-e-prende-professor-suspeito-no-ceara.ghtml>. Acesso em: 07/10/2020



Disponível em: <https://180graus.com/picos/estudantes-de-picos-tambem-expoem-no-twitter-assedio-sexual-de-professores>. Acesso em: 07/10/2020



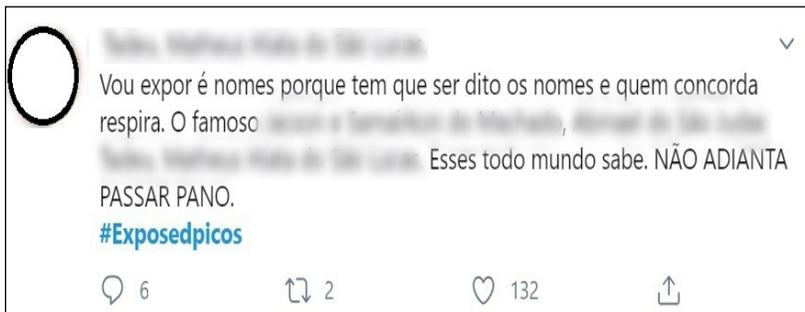
Disponível em: <https://180graus.com/picos/estudantes-de-picos-tambem-expoem-no-twitter-assedio-sexual-de-professores>. Acesso em: 07/10/2020

As denúncias revelam que os professores, independente da região ou da escola, costumam ter um perfil específico e um *modus operandi* típico. Em relação ao perfil, em sua maioria homens, casados, mais velhos, com fortes ideias machistas e que se sentem no direito de constranger suas vítimas. Vejamos:

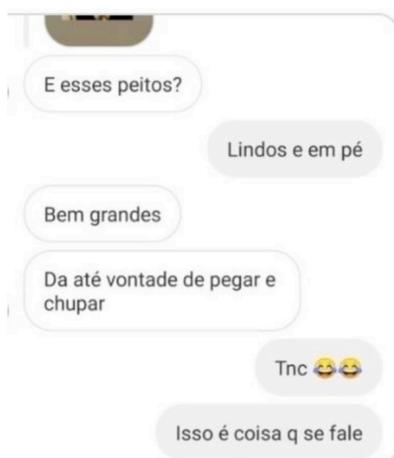
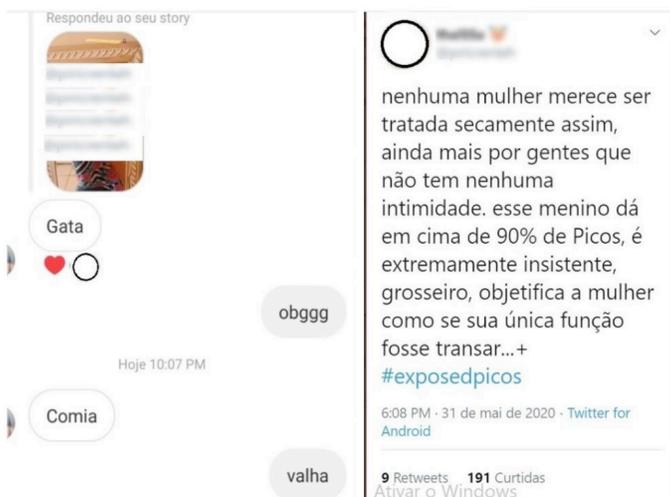


Disponível em: <https://180graus.com/picos/estudantes-de-picos-tambem-expoem-no-twitter-assedio-sexual-de-professores>. Acesso em: 07/10/2020

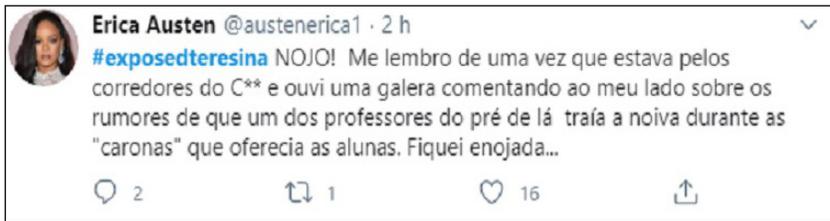
No que se refere às formas de assédio, tem-se um padrão de conduta bem definido, conforme aduzem as denúncias apresentadas nas redes sociais, podendo ser indicadas as seguintes práticas: mensagens picantes via celular, abraços mais apertados, toques nos corpos, propostas indecentes, *stalkear* redes sociais das vítimas, condicionar notas a “favores” sexuais, constrangimento público em sala de aula, dentre outros.



Disponível em: <https://180graus.com/picos/estudantes-de-picos-tambem-expoem-no-twitter-assedio-sexual-de-professores>. Acesso em: 07/10/2020



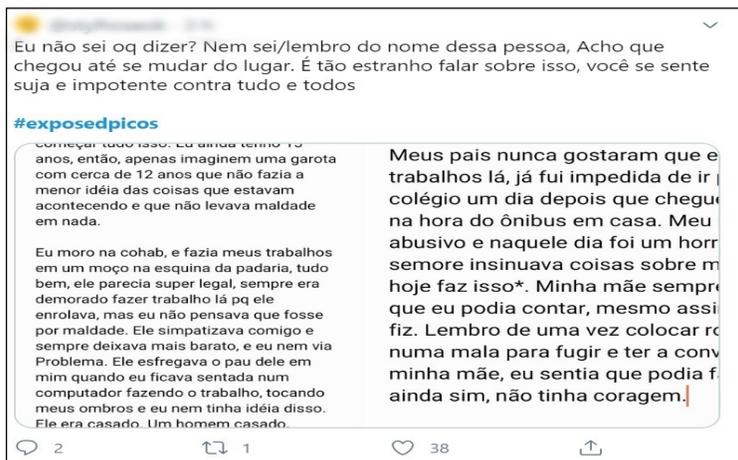
Disponível em: <https://180graus.com/picos/estudantes-de-picos-tambem-expoem-no-twitter-assedio-sexual-de-professores>. Acesso em: 07/10/2020.



Disponível em: <https://www.jtnews.com.br/noticias/jovens-piauienses-denunciam-no-twitter-assedio-sexual-em-escolas-4144.html>. Acesso em: 07/10/2020

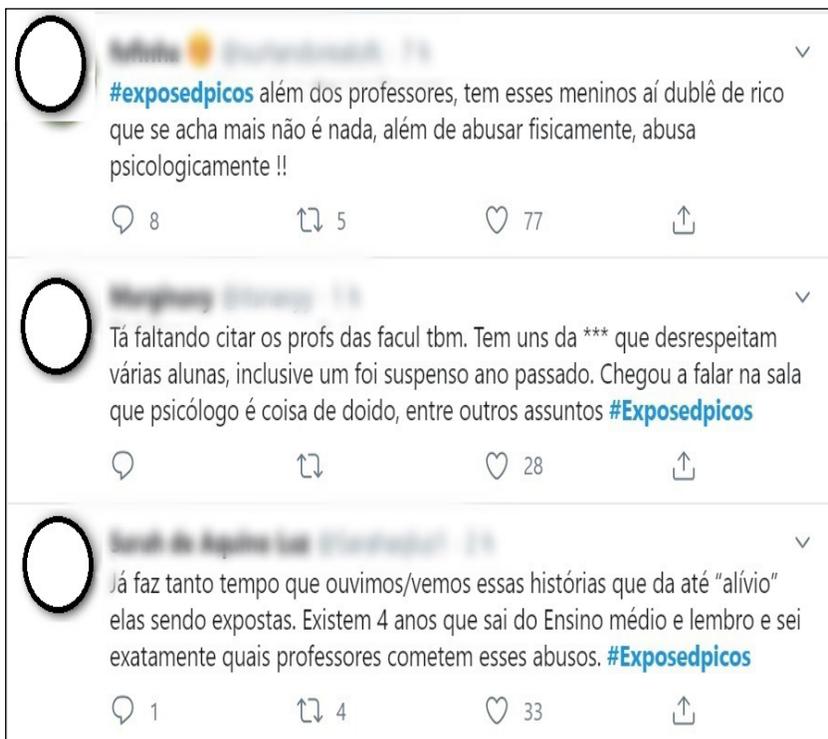
Vale destacar que tal movimento representa claramente exemplo hodierno de Cyberativismo¹ em prol da necessária agenda feminista da urgência de se discutir as problemática de Gênero na Escola, o que casa perfeitamente com o momento atípico brasileiro, em que os conservadores, capitaneados pelo Presidente da República², querem evitar a todo o custo, com base em falhas convicções de uma moral retrógrada e, como tal, completamente desvinculada da realidade social, conseqüentemente, incapaz de salvaguardar os estudantes de violências como as relatadas na presente pesquisa.

Por fim, convém destacar que o *#exposed* revelou que muitas vítimas se sentiam com medo dos professores, culpadas pelas violências sofridas e, mesmo os que já haviam concluído o ensino superior, ainda se sentiam extremamente feridas e maculadas pelas violências sofridas, não só físicas, mas, sobretudo, psicológicas.



Disponível em: <https://180graus.com/picos/estudantes-de-picos-tambem-expoem-no-twitter-assedio-sexual-de-professores>. Acesso em: 07/10/2020.

1. Expressão que indica o ativismo realizado por grupos ideológicos, sociais e culturais através das redes sociais.
2. A agenda política que levou Jair Messias Bolsonaro ao Poder (2018-?) inclui o repúdio às discussões de Gênero na sala de aula em nome de uma suposta “ética da família e dos bons costumes” que agrada ao grupo de conservadores que lhe dá sustentação política no Palácio do Jaburu.



Disponível em: <https://180graus.com/picos/estudantes-de-picos-tambem-expoem-no-twitter-assedio-sexual-de-professores>. Acesso em: 07/10/2020.

Por fim, o *#exposed* trouxe à tona o que, infelizmente, sempre aconteceu na educação brasileira. O tempo passa e os processos de afirmação e pertencimento ao grupo só adequam de modus operandi. Não que não fossem nocivas no passado, mas o que há alguns anos era mera fofoca da hora do recreio, hoje tem efeitos devastadores.

Discutir tais violações não é apenas um direito dos educadores, mas um dever para conseguir meios capazes de prevenir tais invasões da dignidade e garantir que a vida de milhares de jovens – especialmente, da juventude atual, cada vez mais imediatista, líquida e que não sabe lidar com as frustrações do mundo contemporâneo – não sejam, no futuro, maculadas por condutas como as escancaradas pelo *#exposed*.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Louro Guaciara Louro (2000) explica que a inscrição de gênero não é apenas uma questão de ordem pessoal, mas sim um fenômeno social e político, logo a mesma é “aprendida”, por assim dizer, isto é, fruto de um processo de construção ao longo da vida (inclusive vida intrauterina), de diversos modos e por todos os sujeitos envolvidos, logo, o que ocorre de fato é a “composição de identidades”.

A escola tem o dever de assumir o seu papel formativo, de orientação e de construção de agentes sociais, uma vez que em hipótese alguma a escola deve se preocupar apenas em promover a formação técnica de seus alunos, em promover a passagem intelectual de etapas de desenvolvimento do saber, mas sim é dever dela se preocupar em ser o suporte necessário para que alunos e alunas possam passar, com segurança, pelos desafios que a vida lhes impõe diuturnamente, não sendo crível, tampouco aceitável que a Instituição Escola se furte de sua obrigação indelegável de discutir e se envolver com os fenômenos da sociedade em que a mesma está inserida.

Ato contínuo, o ambiente escolar não pode ser encarado como uma instituição morta, apática, desvinculada do essencial, ou focada apenas no resultado intelectual, não! A escola deve ser um espaço aberto, livre, onde o debate social e da vida social seja regra, jamais exceção, portanto, todas as discussões que toquem às experiências dos educandos e das educandas devem ser postas em sala de aula, o professor, muito mais do que um transmissor de conteúdos, é um formador, um orientador e, como tal, deve assumir postura proativa frente às inquietações de seus alunos, logo as questões que envolvem a identificação de gênero são discussões de sala de aula, espaço esse que não pode ser negado.

Ao revés disso, há aqueles que pensam, numa compreensão absolutamente rasa do que seria a escola ou a educação, que a “sala de aula não é espaço para isso”, “o professor tem que dá aula dele e pronto”, “que não quero que meu filho aprenda essas coisas na escola”, dentre outras, na verdade, a escola é sim o espaço para tudo isso, a escola tem a missão de promover a formação dos alunos em todas as perspectivas, não apenas técnicas, mas pessoal, emocional, social, interpessoal e humana, lidar com pessoas, é não se calar para o desconforto, mas sim enfrentar o desconforto, ajudar cada um a superar suas limitações e enfrentar suas próprias lutas, educar é verdadeiramente formar e formar inclui discutir tudo aquilo que faz parte da vivência do aluno.

Nesse seara, o movimento *#exposed*, em síntese, revela um problema sério da educação brasileira e que tem dois aspectos principais: primeiro, existe uma cultura heteronormativa misógina e falocêntrica intrínseca às escolas brasileiras – como produto de uma sociedade secularmente marcada pelos mesmos adjetivos – em que docentes, ao invés de serem “pontes” para o diálogo necessário do Gênero e garantidores dos direitos sexuais e de identidade de seus alunos, acabam por inverter essa lógica e, usando de uma postura totalmente subversiva, agridem a dignidade de seus alunos, colocando-os em situação de sujeição, mesmo que isso macule suas vidas indefinidamente; segundo, a omissão quase dolosa das instituições de ensino em apurar, punir e inibir tais condutas, mostrando que o problema tem raízes mais profundas e preocupantes do que tão-só a conduta dos docentes.

Falar de Gênero é não só necessário, mas urgente e inadiável no atual contexto da educação no Brasil, pois não é possível mais que os educadores fiquem alheios a

esta questão, é preciso que professores/professoras coloquem à mesa redonda com seus alunos/alunas esse assunto, especialmente pelo fato de que são os/as discentes que estão bem no centro desse processo, muitos deles assustados, sozinhos (por não poderem conversar com ninguém sobre isso, alguns com medo dos pais), envergonhados e confusos, sendo o papel da educação, no sentido de aparar tais arestas, dando informação, fazendo surgir o pensamento crítico, extirpando preconceitos e prevenindo atos de violência, ônus inexcusável ao atual cenário da educação nacional.

Discutir Gênero na Escola possibilita que os estudantes entendam melhor o seu processo de identificação e de sua construção como sujeito, percebam as questões que envolvem o processo de (re)construção do ser homem e ser mulher na sociedade, bem como os mecanismos para superar quaisquer preconceitos, discriminações ou sufocos que possam, ao longo da vida, lhe serem opostos com base na violência de Gênero. Previne a misoginia, a homofobia, a transfobia, bem como a prática de assédio, posto que é capaz de dar formação aos docentes (potenciais agressores) e informação para saber agir e se defender sem medo aos discentes (potenciais vítimas).

Por fim, a internalização das discussões de Gênero na escola é um poderoso mecanismo para a efetiva prevenção, também inibição, das violências advindas das relações de poder que, secularmente, decorrem das relações de Gênero, mas que foram abafadas pelos desejos da heteronormatividade, e que, como custos, maculam vidas, sonhos e direitos da parte “não empoderada” de tal relação. É esse o espírito da educação? Não. Urge-se a discussão de Gênero no currículo escolar. E as violências denunciadas pelo *#exposed*? Basta! “luto é verbo” (AUAD; SILVA; ROSENO, 2019, p. 584).

REFERÊNCIAS

BUTLER. “**Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**”. LOURO, (org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

G1. **#Exposed: MP apura denúncias de estupro em redes sociais e prende professor suspeito no Ceará**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/10/06/exposed-mp-apura-denuncias-de-estupro-em-redes-sociais-e-prende-professor-suspeito-no-ceara.ghtml>. Acesso em 23/10/2020

_____. **FANTÁSTICO: Jovens usam redes sociais para denunciar abusos de professores dentro da sala de aula**. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/07/12/jovens-usam-redes-sociais-para-denunciar-abusos-de-professores-dentro-da-sala-de-aula.ghtml>. Acesso em 23/10/2020

JTNEWS. **Jovens piauienses denunciam, no Twitter, assédio sexual em escolas**. Disponível em: <https://www.jtnews.com.br/noticias/jovens-piauienses-denunciam-no-twitter-assedio-sexual-em-escolas-4144.html>. Acesso em 23/10/2020

LOURO. **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: Uma perspectiva Pós-Estruturalista**. 6. ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1997.

SCOTT. “**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**”. *Educação e realidade*. Porto Alegre: vol 20, nº2, 1995.

R7. **Alunas denunciam assédio sexual por professores em escolas**. Disponível em: <https://noticias.r7.com/cidades/alunas-denunciam-assedio-sexual-por-professores-em-escolas-05072020>. Acesso em 23/10/2020

VEJA. **Lições dos abusos e assédios sexuais nas escolas do Rio**. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/blog/manual-de-sobrevivencia-no-seculo-21/licoes-abusos-assedios-sexuais-escolas-rio/>. Acesso em 23/10/2020

180 Graus. **Estudantes de Picos também expõem no Twitter assédio sexual de professores**. Disponível em: <https://180graus.com/picos/estudantes-de-picos-tambem-expoem-no-twitter-assedio-sexual-de-professores>. Acesso em 23/10/2020

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afoxés 163, 164, 166, 167, 169, 170, 173, 174

Amazônia Maranhense 107, 108

Assédio Sexual 1, 2, 3, 7, 8, 15, 16

B

Belle Époque 37, 38, 43, 44, 161

Brasil 2, 7, 14, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 61, 65, 72, 73, 74, 76, 78, 81, 85, 89, 92, 93, 109, 114, 119, 120, 122, 124, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 163, 165, 173, 175, 182, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 195, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 220, 221, 230, 231, 233, 255, 265, 266, 269, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297

C

Camponeses 93, 94, 95, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 127

Comunidades 79, 80, 86, 87, 88, 89, 94, 95, 99, 101, 103, 107, 109, 111, 113, 115, 116, 117, 118, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 184

Cura 145, 150, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 162

D

Decolonial 79, 80, 81, 84, 90, 91, 93

Diocese 77, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 177, 178, 180, 186

Ditadura Militar Brasileira 263, 297

E

Educação Infantil 31, 32

Ensino de História 298

Escolas 1, 3, 7, 12, 14, 15, 16, 20, 25, 81, 87, 119, 146, 147, 166, 184, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 282

Esquerda 113, 280, 288, 289, 291, 294, 295, 296, 297

Estudo de Caso 1, 3, 31, 32, 35, 126

Exposed 1, 2, 3, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 94

F

Federações Camponesas 94

Feminismo 31, 32, 33, 34, 35, 36, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 44, 46, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 217, 265, 298

Geografia 76, 107, 115, 116, 118, 187, 298

H

História 1, 7, 17, 28, 29, 30, 32, 36, 37, 38, 44, 45, 46, 52, 53, 54, 77, 78, 79, 81, 87, 90, 91, 92, 93, 105, 107, 110, 114, 118, 119, 124, 130, 131, 132, 136, 152, 154, 155, 162, 163, 165, 167, 168, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 194, 203, 205, 206, 207, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 242, 255, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 270, 271, 273, 274, 275, 281, 282, 283, 287, 288, 289, 297, 298

I

Indígenas 55, 56, 59, 60, 68, 72, 74, 75, 76, 80, 83, 89, 90, 107, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 123, 127, 132, 134, 136, 139, 140, 141, 169, 170, 171, 173, 180

Insurgência 132, 141

L

Luta pela Terra 79, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 91, 92, 103, 120, 121, 123, 125, 128, 129, 130

M

Medicina 24, 27, 28, 55, 76, 107, 156, 157, 158, 159, 161, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Memórias 113, 131, 167, 182, 189, 206, 208, 216, 263, 266, 267, 269, 272

P

Paradigmas 263, 264

Pentecostalismo 144, 145, 148, 149, 150, 151, 153

Peregrina 219, 224, 227

Q

Quilombolas 80, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 125

R

Religião 48, 72, 88, 118, 120, 130, 131, 133, 135, 137, 140, 142, 144, 148, 151, 152, 153, 172, 173, 175, 220, 222, 226

Religiosidade 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 167, 169, 171, 173, 176, 219, 222, 225

Repentista 204, 205, 206, 214, 216

Representações 37, 38, 44, 54, 78, 80, 112, 154, 161, 163, 164, 165, 168, 169, 173, 174,

175, 177, 182, 185, 204, 219, 229, 276, 278, 280

Retratos Fotográficos 37, 38, 39, 43, 44

S

Sala de Aula 1, 2, 3, 7, 10, 12, 14, 15, 31, 205

Saúde 1, 7, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 100, 107, 147, 156, 158, 159, 161, 187, 189, 190, 191, 192, 196, 203, 211, 284

Sexualidade 3, 4, 6, 7, 15, 32, 33, 45, 47, 48, 50, 53, 54, 76, 78, 81, 83, 84, 91, 92

Sociedade Colonial 45, 52

V

Vida Pública 126, 173, 231

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4